

A ACEITAÇÃO DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE CRIANÇAS NEURODIVERGENTES

Julyany Gabryely Félix Izidio Alves Bezerra¹

Keyla Maria Victória de Oliveira Pereira²

Maria Joara Silva de Oliveira³

Davi Libânia de Melo⁴

RESUMO: Este estudo teve por finalidade investigar a aceitação da família e como pode influenciar o desempenho escolar de crianças neurodivergentes, identificando como ocorreu o processo de aceitação da família antes e após receber o laudo, analisando as mudanças que sucederam, trazendo a realidade da negação, o mascaramento e a desinformação dos próprios. Ressaltando como a observação e intervenção da escola é crucial uma vez que se adapta a realidade do aluno. Tendo como objetivo geral investigar como a aceitação da família pode contribuir na inclusão de crianças neurodivergentes no desenvolvimento escolar. A metodologia foi de natureza qualitativa, que consistiu na entrevista semiestruturada com a família e um professor de uma escola privada localizada no município de Escada. Os entrevistados foram identificados como F e P. Este trabalho está fundamentado em Marques (2021), Pereira (2023) e Oliveira (2024). Os resultados evidenciaram que a aceitação familiar no desempenho escolar de crianças neurodivergentes contribuiu no desempenho e também melhora a condição de vida da criança e consequentemente dos responsáveis, fortalecendo o vínculo afetivo e tornando o ambiente seguro com evolução emocional, social e cognitiva. Ademais, transparecendo uma adaptação de forma regulada e estratégias pedagógicas mais eficazes em virtude da parceria de escola e família. A conclusão denota que a aceitação é o eixo fundamental em todos os âmbitos que a criança se relaciona, afirmando que a relação ocasiona atraso do diagnóstico.

4692

Palavras-chaves: Aceitação. Família. Escola. Neurodivergente.

ABSTRACT: This study aimed to investigate family acceptance and how it can influence the academic performance of neurodivergent children. It identified the family acceptance process before and after receiving the report, analyzed the changes that occurred, and highlighted the reality of denial, masking, and misinformation among the children themselves. It also emphasized how school observation and intervention are crucial, as they adapt to the student's reality. The overall objective was to investigate how family acceptance can contribute to the inclusion of neurodivergent children in academic development. The methodology used was qualitative, consisting of semi-structured interviews with the family and a teacher from a private school located in the municipality of Escada. The interviewees were identified as F and P. This work is based on Marques (2021), Pereira (2023), and Oliveira (2024). The results showed that family acceptance of neurodivergent children's academic performance contributed to their performance and also improved the quality of life of the child and, consequently, their caregivers, strengthening the emotional bond and creating a safe environment for emotional, social, and cognitive development. Furthermore, it demonstrated a regulated adaptation and more effective pedagogical strategies due to the partnership between school and family. The conclusion indicates that acceptance is fundamental in all aspects of the child's relationships, confirming that this relationship causes delayed diagnosis.

Keywords: Acceptance. Family. School. Neurodivergent.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

⁴Orientador, Doutor em Ciências da Educação - UFAL/2023.

INTRODUÇÃO

A família é o primeiro núcleo de acolhimento, sendo ela a principal base da formação do indivíduo, evidenciando a importância desse convívio para o desenvolvimento pessoal e social. Diante disso, é fundamental que a família exerça seu papel de aceitação e apoio às crianças neurodivergentes, reconhecendo suas particularidades, acolhendo suas necessidades e promovendo um ambiente de amor, respeito e estímulo ao seu pleno desenvolvimento.

A escola, em conjunto com a família, tem um papel importante no desenvolvimento cognitivo, influenciando diretamente o modo como a criança aprende, se expressa e se desenvolve intelectualmente adequando-se ao seu ritmo e estilo de aprendizagem, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas diferenças tenham acesso à aprendizagem, ao respeito e ao sentimento de pertencimento. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) nº 13.146/2015 assegura e promove em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais das pessoas com deficiência visando à sua inclusão e cidadania.

A neurodiversidade é um conceito e um movimento social que prevalece um olhar de inclusão a respeito das condições neurológicas que diferem da norma dominante, reconhecendo as diferenças do funcionamento neurológico dos indivíduos transmitindo que devem ser vistas como formas naturais da diversidade humana, e não apenas como déficits ou disfunções a serem corrigidas. Crianças neuroatípicas tendem a enfrentar dificuldades de comunicação ou comportamento, e o acolhimento familiar é essencial para que se sintam compreendidos. Neste sentido surge a seguinte questão: Como a aceitação da família pode contribuir na inclusão de crianças neurodivergentes no desenvolvimento escolar?

4693

Tendo por hipótese que possivelmente a negação por parte dos pais em reconhecer a neurodivergência de seus filhos, tratando-a com irrelevância, é uma questão complexa que pode interferir negativamente a formação intelectual e bem-estar da criança. Essa postura pode estar enraizada em diversos fatores como a desinformação, discriminações sociais e dificuldades emocionais em aceitar o diagnóstico.

Neste sentido ressalta-se o objetivo geral: Investigar como a aceitação da família pode contribuir na inclusão de crianças neurodivergentes no desenvolvimento escolar. Assim, busca-se por meios dos objetivos específicos: Identificar os desafios apresentados pela família diante do processo de aceitação do diagnóstico; verificar a relação de escola x família no desempenho de aprendizagem da criança e analisar relatos dos professores sobre as dificuldades enfrentadas na sala de aula com os alunos neurodivergentes que não recebem suporte familiar.

O interesse neste tema justifica-se após, uma conversa cujo assunto era professores relatando a dificuldade em lidar com alunos neurodivergentes que não tem o devido suporte dos responsáveis e como isso interfere negativamente no processo educacional do aluno, dificultando também o trabalho do professor e desestabilizando a sala de aula. Contribuindo com a linha de pensamento, Coutinho e Tessaro (2024, p.8) apontam que a ausência de apoio do acompanhamento familiar, ocasiona dificuldades em sala de aula, interferindo negativamente no processo de aprendizagem do aluno neurodivergente e desestabilizando o ambiente escolar para os demais. Destarte, afirma-se que a desregulação emocional e comportamental da criança, muitas vezes refletida em atitudes que desestabilizam o ambiente escolar, não é fruto apenas de fatores individuais, mas está diretamente ligada à falta de aceitação de sua singularidade e à ausência de corresponsabilidade por parte dos adultos envolvidos em sua educação, especialmente pais e responsáveis, o que compromete o desenvolvimento integral da criança e dificulta a construção de um ambiente educativo e acolhedor.

É evidente que existe uma grande lacuna entre crianças que recebem acompanhamento profissional para aquelas que estão na fase de aceitação familiar. Neste contexto, a busca pelo conhecimento torna a pessoa com mais conhecimento para lidar com as particularidades do estudante. Isso inclui entender os direitos do aluno, tendo formas de intervenções, estratégias de comunicação e manejo de crises. 4694

Segundo Vygotsky (2007, p.166), ressalta a importância do meio social e da intervenção no processo de desenvolvimento infantil. Para ele, o desenvolvimento da criança será intensificado com o suporte dos adultos ou profissionais experientes (como professores e terapeutas). Com isso, é intensificado a ideia de que o profissional pode gerar resultados significativos que não aconteceriam apenas com o apoio familiar, principalmente na fase de aceitação.

Diante disso, Marques et al. (2021, p.735) em sua revisão sobre metodologias ativas de ensino, explana a ideia de que professores capacitados devem aderir abordagens que estimulem uma aprendizagem participativa e personalizada, permitindo que alunos neurodivergentes se tornem protagonistas de seu próprio aprendizado. A presente pesquisa está organizada da seguinte forma: Introdução, referencial teórico e suas categorias, metodologia, análise e discussão, considerações finais e referências.

REFERENCIAL TEÓRICO

A família no processo de aceitação do diagnóstico

A família é a principal base no processo de aceitação, aceitar é reconhecer que a criança precisa de ajuda. Os sinais não mais serão vistos como comportamentos comuns, pois aceitando a condição da criança o ambiente em que ela está inserida será vista como parte do processo de desenvolvimento da mesma, trazendo pertencimento e buscando melhorias que facilitarão a inclusão do indivíduo na sociedade. “A falta de aceitação pode resultar em sentimentos de negação, vergonha e frustração, que podem afetar negativamente o envolvimento dos pais no processo educacional da criança” Pereira (2023, p.8). Diante desse fato, entende-se que aceitar não anula a existência da criança e obriga a necessidade dos pais de compreenderem que a criança neurodivergente exige cuidados especiais, atenção e aceitação.

Frequentemente, é desconsiderado a complexidade da neurodiversidade e os responsáveis são tidos como “frios” ou “indiferentes” em relação à aceitação familiar, sendo desqualificados ou responsabilizados. De acordo com Manuel (2024, p.8) a aceitação familiar se relaciona ao grau em que os responsáveis, principalmente os pais, entendem, reconhecem e se adaptam às necessidades específicas da criança. Schmidt (2014, p.8), complementa que o processo de aceitação é desafiador e envolve diversas etapas, incluindo a adaptação emocional, o ajuste das expectativas e a reestruturação da dinâmica familiar. Nesse seguimento, é de suma importância compreender que os pais estão passando pelo processo de aceitação, enfrentando o estresse da sobrecarga de cuidados e as mudanças da rotina.

4695

Segundo Lima et al. (2024, p.3), quando as famílias aceitam o diagnóstico e passam a buscar intervenções específicas, contribui significativamente no processo emocional e educacional do indivíduo. Nesse sentido, o apoio terapêutico será fundamental, trazendo aconselhamentos específicos, auxiliando no processo de superação do diagnóstico e aliviando a sobrecarga emocional e física que a família está sendo condicionada. Ademais, passarão a compreender suas particularidades, sejam elas habilidades ou seu desenvolvimento pleno.

A manipulação da realidade da criança neuroatípica no contexto familiar

O meio social influencia diretamente no desenvolvimento do indivíduo e na forma em que ele se correlaciona na sociedade. É importante ter uma estrutura familiar que se disponha a

procurar alternativas que agreguem ao seu desenvolvimento pleno, porém, na maioria dos casos, existe uma relutância por parte dos pais em aceitar que a criança apresenta um quadro atípico, o que os leva a decisão de ocultar esse fato. Para Silva (2023, p.8), a aceitação familiar influencia diretamente o bem-estar emocional da criança. Tendo isso em vista, é indubitável que a ocultação do quadro atípico ocasionará falta de confiança e baixa autoestima, além de ansiedade e estresse, prejudicando a concentração e aprendizagem do indivíduo.

A manipulação da realidade interfere na formação do sujeito como um todo, dificultando sua aprendizagem e limitando sua forma de viver. Sob esse viés, é indispensável o apoio dos pais na inserção do filho na sociedade, para que o mesmo possa desenvolver habilidades sociais como interação e comunicação. Ademais, não é a sociedade que explicitamente exclui a criança neurodivergente, mas sim a própria família, que tomada pelo receio e insegurança de olhares, comentários e desconfortos, antecipa a rejeição social e priva a criança de práticas sociais simples. Conforme Rodrigues (2022, p.21), na maioria das vezes, crianças atípicas são vistas como desobedientes e mal-educadas, ocasionando na exclusão das mesmas. A vista disso, os familiares optam por ocultar a presença do filho a fim de esquivar-se de olhares e palavras julgadoras da comunidade.

Contudo crianças com condições atípicas são condicionadas a uma ideia de 4696 “conveniência”, em uma realidade onde a inclusão só ocorre se não houver incômodo, desconforto, ou que não exibam àquilo que foge do padrão e que no geral não se tem controle sobre. Essa perspectiva silenciosa transforma momentos que deveriam ser de convivência, como passeios, idas ao parque ou a um restaurante, em situações que são evitadas pelos próprios genitores/responsáveis.

Neste contexto existe a tentativa de proteger, a família acaba por esconder e privar a criança, o que restringe seu mundo à casa e sala de aula, não havendo assim a percepção e adaptação dela em novos ambientes, assim como sua participação nos diferentes âmbitos sociais, contribuindo assim com a não-inclusão daquele indivíduo em desenvolvimento cognitivo, social e intelectual. Consoante Serra (2010, p.46), aponta em seus estudos, que a decisão dos responsáveis em isolar ou superproteger, causa a falta de estímulos e dificulta o desenvolvimento da autonomia, esquecendo-se que não são eternos e que futuramente não estarão presentes na vida do sujeito. A vista disso, entende-se que essa superproteção causa efeitos negativos, atrasando o desenvolvimento cognitivo e retardando sua independência social.

Desse modo, ao decorrer do tempo, esse confinamento social não afeta apenas a criança, mas também os genitores/responsáveis que vivem em função de rotinas fechadas e limitadas, visando não causar desconforto ao outro, o que muitas vezes custa sua saúde mental. A constante renúncia de tais momentos, leva não só as crianças, mas também os responsáveis a um estado de exaustão mental e emocional, proveniente da ação de isolamento prévio, que parte do princípio do medo da opinião social. “Familiares e cuidadores envolvidos são os primeiros a terem sua saúde mental comprometida ao lidar com pessoas com esse transtorno, podendo gerar estresse, depressão e ansiedade”. (Sturmer, Corrêa e Miranda, 2023, p.1). Sob essa ótica, os responsáveis acabam sofrendo danos emocionais causados pela luta constante por inclusão e respeito. Ademais, áreas destinadas a atividades sociais comumente não disponibilizam ambientes de acessibilidade neurodivergente, dessa maneira, os pais acabam se privando de frequentar esses lugares além de temerem reações negativas e olhares “maldosos” da sociedade.

Desinformação e negação no âmbito familiar

A desinformação sobre o que é uma criança neurodivergente pode causar um ambiente de frustração, medo e desespero do desconhecido. A prática da projeção idealizada daquilo que a criança deveria ser dentro dos “padrões de normalidade” e aquilo que ela é e representa no meio social gera uma rejeição que ocasionará uma consternação pela perda do filho perfeito e das expectativas para o futuro. 4697

Na obra “O Ego e os Mecanismos de Defesa” (1936), Anna Freud detalha como o ego atua de forma inconsciente diante de diferentes circunstâncias, especialmente em situações de conflito e ansiedade. Dentro dessa perspectiva, destaca-se o uso da negação como um dos mecanismos de defesa, no qual o indivíduo recusa aceitar uma realidade dolorosa, protegendo-se, assim, da angústia psíquica.

Complementando essa perspectiva, o autor contemporâneo Price (2022, p.10) aponta que o mascaramento social leva pessoas autistas a ocultarem aspectos de sua identidade para se adequarem às expectativas neurotípicas, o que acarreta sofrimento psicológico. De modo análogo, a negação parental pode ser compreendida como uma tentativa inconsciente de preservar uma aparência de normalidade, uma vez que é evitado entrar em contato com sentimentos de dor, frustração ou luto, associados à quebra de expectativas sobre o desenvolvimento dos filhos.

Assim, por muitas vezes, as crianças que possuem sinais atípicos são confundidas com excesso de energia e falta de limites, tornando-se alvo de cobranças abusivas e punições exageradas por causa do comportamento relacionado à sua neurodivergência. Vale frisar que a desinformação pode acarretar um diagnóstico tardio dificultando o avanço intelectual da criança na aprendizagem, e quanto mais tarde vier a mediação, mais difícil é para ela desenvolver meios compensatórios e autonomia.

Com base nos estudos abordados por Oliveira (2024, p.1), o diagnóstico precoce, intervenções e a aceitação familiar são cruciais para o desenvolvimento educacional de crianças neurodivergentes. Essas ações são essenciais para alavancar o potencial da criança. O que é considerado simples ou comum para uma criança neurotípica, pode demandar, por exemplo, várias sessões de terapia para uma criança neurodivergente. Por isso, o acompanhamento profissional é fundamental e indispensável. Ele não apenas apresenta bons resultados no desenvolvimento da criança, como também auxilia a família na criação de manejos personalizados, promovendo uma convivência mais equilibrada e eficaz.

Nesse sentido, promover a conscientização e a formação de familiares, professores e profissionais da saúde sobre a neurodiversidade é fundamental para compreender as necessidades específicas de cada criança, oferecendo apoio adequado, respeitando seu tempo, suas competências e seu jeito único de interagir com o mundo. É necessário que haja uma colaboração entre a escola e a família, colocando a criança como um ser único e valioso, abrangendo um caminho justo e humano progredindo sua trajetória. 4698

METODOLOGIA

A pesquisa é de finalidade investigativa, pois a metodologia qualitativa exploratória busca dar ênfase ao trabalho de pesquisa com precisão e articulação do estudo em foco, permitindo analisar os resultados obtidos de forma descrita, observando e ilustrando os métodos a serem tomados durante a pesquisa com base no processo de aceitação da família em decorrência da neurodiversidade.

Com base nos estudos abordados por Denzin e Lincoln (1994; apud Creswell, 1998) definem: “Pesquisa qualitativa tem vários focos, envolvendo a interpretação numa abordagem natural do assunto, tentando dar sentido ou interpretar um fenômeno do jeito que as pessoas o veem”. (Creswell, 1998, p.14). Com base nisso, a investigação interpretativa realizou um

panorama real do assunto tratado. Buscando aprofundar-se da realidade vivida no cotidiano desses sujeitos.

A investigação é o momento da aproximação do pesquisador com a realidade sobre a qual formulou suas questões/ou seus problemas. É o momento em que o investigador tem a possibilidade de interagir com os entrevistados que confirmam a realidade investigada. Por esse motivo, na pesquisa qualitativa a conversa entre o investigador e o indivíduo pesquisado é essencial e indispensável para compreender as informações fornecidas obtendo segurança de como irá expor.

Sendo assim, o intermédio com os responsáveis de crianças neuroatípicas precisa ser construída de forma empática e comprehensiva, identificando que cada pai e mãe também estão percorrendo o caminho da aceitação, e que o apoio é essencial para que possam superar a negação que inicialmente vem como um mecanismo de defesa impedindo-os de aproximar-se da realidade dura. Com base nessa perspectiva, há duas realidades existentes: antes e após o diagnóstico, onde se coloca na balança o que foi sonhado e idealizado para o que é necessário aprender. E quais atitudes podem ser tomadas depois desse resultado e como lidar com o que era desconhecido e que a partir de agora passa a ser uma realidade.

A escola campo de pesquisa está situada na cidade de Escada, sendo da rede privada pertencente ao estado de Pernambuco. A mesma supracitada é organizada por um corpo docente de 23 professores, sendo 2 professores cursando Pedagogia, 9 graduados em Pedagogia com especializações em: psicopedagogia, gestão e coordenação, educação inclusiva. 12 licenciados em disciplinas diversas e 3 auxiliares graduandas em Pedagogia.

A estrutura física está organizada em: 12 salas de aulas, funcionando em um horário das 07:00 às 12:00, 1 Laboratório de informática, 1 Laboratório de ciências, 1 Sala de robótica, 1 Sala de jogos, 1 Biblioteca, 1 banheiro masculino com 4 cabines, 1 banheiro feminino com 4 cabines, 2 banheiros femininos Educação Infantil, 2 banheiros masculinos Educação Infantil, 1 Sala de trocador, 1 banheiro de cadeirante, 1 banheiro dos professores, 1 Secretaria, 1 Sala dos professores, 1 Sala da coordenação e junto com diretor, 1 Sala de AEE, e Pátio recreativo. Atendendo ao público-alvo da Educação Infantil ao ensino Médio. A família entrevistada é composta por 3 pessoas, pai, mãe e o filho com laudo de TEA e TDAH.

Para a condução dessa pesquisa foram selecionados um professor e uma família, para a preservação de suas identidades foram identificadas “P” e “F”. O professor é graduado em

Pedagogia desde 2017, com 10 anos de experiência em sala de aula. A família recebeu o diagnóstico de TDAH do filho aos 4 anos de idade e com 9 anos obtiveram o laudo de TEA.

Para a condução dessa pesquisa foram selecionados dois instrumentos de coleta de dados, assim sendo observações diretas na escola que durou por meio de pesquisa de campo com entrevista semiestruturadas de forma direta entre entrevistado e entrevistador com ponto de vista de encontrar resultados de acordo com os questionamentos em pauta, pois foram necessários alguns princípios como: roteiro de perguntas, anotações no ato da entrevista, pois ressalta-se que os sujeitos envolvidos não permitiram gravações e nem registros de fotos.

ANÁLISE DOS DADOS

A aceitação da família é um marco importante para consolidar o processo educacional da criança neurodivergente, pois é através dela que passam a buscar direcionamento individualizado na forma de lidar com o quadro apresentado, assim, potencializando os resultados. Em vista disso, surge a seguinte questão: De que maneira a aceitação da família pode favorecer o desenvolvimento cognitivo e social de crianças neurodivergentes? Justifique.

SUJEITOS	RESPOSTAS
F	A aceitação da família fortalece a autoestima, estimula a aprendizagem e promove a inclusão social, criando condições favoráveis para que a criança neurodivergente se desenvolva em todo o seu potencial.
P	A aceitação da família é fundamental porque cria um ambiente seguro e acolhedor, no qual a criança se sente compreendida e valorizada. Esse suporte emocional fortalece a autoestima e a confiança do aluno, favorecendo a exploração de novas aprendizagens e habilidades sociais.

4700

Tabela 01: Respostas da família e do professor.

É evidente que a aceitação da família contribui para o desenvolvimento cognitivo e social de crianças neurodivergentes, de acordo com as respostas dos entrevistados. De acordo com “F” destaca que a aceitação familiar fortifica a autoestima, estimula o desenvolvimento e fomenta a inclusão social. No entanto, o “P” enfatiza que a aceitação dos pais gera um ambiente acolhedor, promove a autoestima e intensifica o desenvolvimento cognitivo do aluno, além de ampliar sua capacidade de interagir positivamente com colegas e professores.

Ambas as respostas se integram, evidenciando que a aceitação dos familiares colabora para o desenvolvimento intelectual do indivíduo e também sua inclusão no meio social. Para

Lima et al. (2024, p.3), quando a família passa a aceitar o diagnóstico e se adaptam as necessidades da criança, criam um ambiente adequado para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Com isso, é evidente que o apoio familiar favoreça a evolução da criança além de promover sua inserção na sociedade.

Mediante o que foi dito acima é primordial entender sobre o que levou a família a passar pelo processo de diagnóstico, logo, surgiu a seguinte pergunta: Quais foram os sinais apresentados no âmbito escolar e familiar para que chegassem a passar pelo processo da aceitação do diagnóstico?

SUJEITOS	RESPOSTAS
F	Notei que meu filho era muito imperativo, tinha dificuldade de atenção, chorava bastante com barulho e se irritava com facilidade. Esses sinais, tanto em casa quanto na escola, me fizeram buscar ajuda e aceitar o diagnóstico.
P	O aluno sempre demonstrou inteligência, curiosidade e facilidade de aprendizado, não apresentando grandes dificuldades. Na escola, percebíamos falta de atenção e maneiras próprias de aprender e se organizar, típicas de sua neurodivergência. Na família, os pais sempre foram honestos e atentos, reconhecendo essas particularidades e colaborando com o acompanhamento profissional. Essa postura facilitou a compreensão do diagnóstico e a criação de estratégias que potencializassem o desenvolvimento do aluno.

Tabela 02: Respostas da família e do professor.

De acordo com as respostas dadas por “F” e “P”, é nítido que crianças neuroatípicas apresentam sinais quando algo não está bem. Com base na fala de “F” notou imperatividade e sensibilidade auditiva com barulhos que ocasionou choros excessivos. Diante disso, ficou em alerta e procurou um diagnóstico para os problemas apresentados. Analisando a fala do “P”, foi possível identificar a afirmação que mesmo diante das dificuldades apresentadas, o aluno sempre se esforçou e não apresentava grandes dificuldades no aprendizado. O mesmo também informou que a família se manteve presente colaborando com a escola para o progresso do desenvolvimento social, cognitivo e intelectual do aluno.

Através das respostas dadas anteriormente “Quando se tem um diagnóstico precoce a família tende a compreender melhor os comportamentos apresentados pela criança” (Lord et al., 2018). Considerando isso, a busca por profissionais proporcionará suporte adequado para lidar com a situação e suprir as necessidades apresentadas pela criança.

Nesse sentido, é entendível que a colaboração entre instituição e família é benéfico para ambos. Contudo, surgiu o seguinte questionamento: Que estratégias foram criadas pela escola em conjunto com a família para intensificar o processo de desenvolvimento da criança? Justifique.

SUJEITOS	RESPOSTAS
F	No início foi difícil, porque o diagnóstico demorou a sair e, durante todo o Ensino Fundamental 1, a escola não quis adaptar as atividades sem ter um laudo. Isso fez com que meu filho passasse por muitas dificuldades de aprendizagem e também de convivência, porque ele não recebia o apoio necessário. Quando o diagnóstico saiu, ele estava prestes a ir para o 6º ano no Fundamental 2. A partir disso, a nova escola o acolheu de verdade, criou estratégias de adaptação das atividades, teve mais paciência com o tempo de aprendizado dele e buscou parceria comigo.
P	Criamos um plano escolar individualizado, com adaptações de atividades, uso de recursos visuais, pausas estratégicas e apoio direto do professor em tarefas mais desafiadoras. Houve também reuniões periódicas com a família para alinhamento das estratégias, troca de observações e orientações para o ambiente doméstico. Essa parceria garante coerência entre escola e família, potencializando a aprendizagem, reduzindo frustrações e incentivando a autonomia da criança.

Tabela 03: Respostas da família e do professor.

4702

Ao observar as respostas acima, “F” relatou que o laudo demorou a sair e que passou por adversidades na primeira escola em que o filho estudou, onde a instituição não buscou se adaptar as necessidades específicas do aluno. Além disso, o filho da entrevistada só passou a ter um ambiente adaptado com atividades específicas e recursos visuais a partir do momento em que mudou de escola. Contudo, “P” ressaltou que criou estratégias específicas como adaptação de atividades junto à família na perspectiva de contribuir no processo de ensino aprendizagem, como: uso de instrumentos visuais, jogos adaptados, materiais sensoriais para oportunizar uma aprendizagem significativa.

Diante disso, é visto que o trabalho em conjunto da escola com a família é essencial para o desenvolvimento do sujeito. Segundo Rossi, et al. (2020), a escola em parceria com a família constrói aprendizagens essenciais para a evolução da criança na esfera social, emocional e intelectual. Perante o exposto, é indiscutível que a criança apresenta melhora significativa.

É notório que a busca por estratégias facilita o processo educacional da criança, porém a falta de informação sobre a neurodivergência do filho pode causar atraso no processo. Diante disso, surge a seguinte questão: Para você, a desinformação por parte dos pais em reconhecer a neurodivergência de seus filhos pode acarretar o atraso do processo do diagnóstico?

SUJEITOS	RESPOSTAS
F	Sim, acredito que a desinformação dos pais pode atrasar bastante o diagnóstico. No meu caso, eu não tinha muito conhecimento sobre o que era neurodivergência e, no começo, pensei que alguns comportamentos do meu filho eram apenas “fases” ou “birras”. Isso fez com que eu demorasse a procurar ajuda profissional. Quando a gente não tem informação, acaba deixando passar sinais importantes, e a criança pode ficar sem o apoio necessário na escola e em casa. Depois que busquei entender melhor, percebi a importância do diagnóstico para que ele tivesse os direitos garantidos, as adaptações pedagógicas e, principalmente, para que fosse acolhido como realmente precisava. Por isso, hoje eu vejo o quanto é fundamental que os pais tenham acesso à informação e orientação, porque quanto mais cedo o diagnóstico vem, mais cedo a criança pode se desenvolver com apoio adequado.
P	Sim, sem dúvida. A desinformação ou a dificuldade em reconhecer sinais de neurodivergência pode atrasar a procura por avaliação profissional, limitando o acesso a recursos+ pedagógicos adequados. Esse atraso impacta diretamente o desenvolvimento cognitivo e social da criança, pois ela pode passar mais tempo enfrentando barreiras sem o suporte necessário.

Tabela 04: Respostas da família e do professor.

A desinformação sobre o que é a neurodiversidade pode atrasar o desenvolvimento da criança, como consta nas falas de “F” e “P”. Assim é possível identificar o relato de “F” que a falta de informação pode ocasionar no atraso do diagnóstico e da busca por profissionais que possam orientá-los nessa fase de adaptação. Por outro lado, o “P” afirma que a desinformação da neurodiversidade e de não reconhecer os sinais dados pela criança afetará diretamente no desempenho escolar dela, interferindo na criação de estratégias e intervenções que facilitaria a rotina escolar do aluno.

4703

Em conformidade com as respostas acima, Volkmar et al. (2014, p.2), salienta que quando há uma identificação precoce do diagnóstico, aumenta a probabilidade de desenlace do mesmo. É inegável que um diagnóstico preciso e oportuno promoverá um avanço significativo, assim, aliviando a sobrecarga mental e física que a família acaba sofrendo durante esse processo.

É importante buscar por informações de fontes confiáveis e profissionais qualificados para percorrer o caminho da aceitação do diagnóstico. A vista disso, perguntamos aos participantes: Em algum momento a família chegou a rejeitar o diagnóstico da criança? Como essa negação interferiu na rotina escolar dele?

SUJEITOS	RESPOSTAS
F	No início, o pai do meu filho teve dificuldade em aceitar o diagnóstico e acabou rejeitando a ideia de que ele fosse neurodivergente. Essa negação fez com que algumas decisões sobre adaptações na escola fossem mais lentas, e ele enfrentou dificuldades em acompanhar as atividades, pois não tinha o apoio necessário. Já eu sempre soube que meu filho era diferente e percebia suas necessidades especiais, então busquei orientar a escola e apoiá-lo em casa. Felizmente, com o tempo, o pai também aceitou o diagnóstico, e a família conseguiu se alinhar, proporcionando mais acolhimento, compreensão e estratégias que realmente ajudaram meu filho a se desenvolver, tanto na aprendizagem quanto na convivência social.
P	Inicialmente houve uma rejeição por parte do pai em relação ao diagnóstico da criança. Entretanto, após algumas consultas, ele passou a compreender as dificuldades que deveriam ser enfrentadas, e tratamentos especializados foram propostos para a criança, assim melhorando seu desempenho nas atividades escolares.

Tabela 05: Respostas da família e do professor.

É coerente ressaltar que houve de fato uma rejeição no âmbito familiar. Quando a “F” expõe a ausência no apoio do diagnóstico por parte do pai, ocasionando a negação imediata, por sustentar a narrativa de “fase da birra”. Em vista disso, “P” traz em suas palavras que tal rejeição não perdurou tempo suficiente para causar impactos negativos na vivência escolar do mesmo. Ressaltando que “P” não encobre a realidade dos sinais atípicos da criança, mas relata que a rejeição momentânea não o afetou emocionalmente, pois não transpassou a omissão.

4704

As respostas denotam a existência de uma boa relação entre escola e família, o que ocasionou uma comunicação eficaz para investigação e suporte da criança. Segundo Oliveira (2024, p.1), assim se transmite a imagem de uma escola intermediária, onde pais que buscam o diagnóstico precoce, intervenções e a aceitação familiar são cruciais para o desenvolvimento educacional de crianças atípicas. Portanto, a aceitação veio ao decorrer do tempo, trazendo para a família um aprendizado importante, sendo necessário combater seus medos para enfrentar o diagnóstico e, com isso, aprender a lidar com a neurodiversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguinte pesquisa deu-se na investigação da aceitação da família no desenvolvimento escolar de crianças neurodivergentes. As informações obtidas por meio da entrevista e observações apontaram que a aceitação da família contribuiu para o desenvolvimento escolar, familiar e social da criança.

O resultado da busca indica que o processo de aceitação é primordial para que o envolvido tenha uma condição de adaptação com intervenções adequadas e personalizadas, visando um ambiente acolhedor. Os estudos apontam que a não aceitação da família traz consigo diversos fatores negativos que afetam a qualidade de vida, dentre eles: o atraso do diagnóstico, problemas psicológicos, dificuldades na interação social e exaustão física.

A pesquisa revelou que quanto mais cedo se tem o diagnóstico, aumenta as chances de qualidade de vida da criança com intervenções e suportes adequados para a construção da mesma. Logo, estratégias utilizadas por professores como: recursos visuais e sensoriais, atividades personalizadas e jogos adaptados foram cruciais para o progresso do aluno, assim, sanando suas dificuldades.

Neste panorama, este trabalho servirá como base para estudos futuros, contribuindo para o aprofundamento de pesquisas e a elaboração de novos artigos relacionados ao tema.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

COUTINHO, Monike Carvalho; TESSARO, Mônica. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes. *Revista Pedagógica, Chapecó*, v. 26, e7871, 2024.

4705

CRESWELL, John W.; POTH, Cheryl N. *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among Five Approaches*. 4. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1998.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1936.

LIMA, Ketlyn Silva de et al. A importância do diagnóstico precoce no Transtorno do Espectro do Autismo: Revisão Narrativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 6, p. 3216-3229, 2024.

LIMA, Ketlyn Silva de et al. A importância do diagnóstico precoce no Transtorno do Espectro do Autismo: Revisão Narrativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 10, n. 6, p. 3216-3229, 2024.

LORD, C.; ELSABBAGH, M.; BAIRD, G.; VEENSTRA-VANDERWEELE, J. Autism spectrum disorder. *The Lancet*, v. 392, n. 10146, p. 508-520, 2018.

MANUEL, Mónica Piedosa António. *Metodologia de Socialização da Criança com Transtorno do Espectro Autista*. Editora Appris, 2024.

MARQUES, Humberto Rodrigues. et al. Inovação no ensino: uma revisão sistemática das metodologias ativas de ensino-aprendizagem. *Revista da Avaliação da Educação Superior*, 2021.

OLIVEIRA, Letícia Neves Rodrigues de. Desafios da aceitação familiar e impactos do diagnóstico precoce no desenvolvimento educacional de crianças autistas: uma abordagem interdisciplinar. 2024. Disponível em:

<https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/2606/2807>. Acesso em: 04/04/2025.

PEREIRA, Katia. O impacto do diagnóstico de perturbação do espetro do autismo nos pais. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada, Lisboa, 2023.

PRICE, Devon. *Autismo sem máscara. Uma jornada de autodescoberta e aceitação*. 2022. Disponível em: <https://cdn.bookey.app/files/pdf/book/pt/autismo-sem-m%C3%A3scara.pdf>. Acesso em: 12/10/2025.

RODRIGUES, S. P. Parceria escola-família no desenvolvimento da primeira infância. Porto Alegre: Artmed. 2022.

ROSSI, Pedro; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de, ARANTES, Flávio; DWECK, Esther. Austeridade fiscal e o financiamento da educação no brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/kPwjLRdn8xtJwxpt4T8R4NH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05/10/2025. 4706

SCHMIDT, Carlo. *Autismo, educação e transdisciplinaridade*. Papirus Editora, 2014.

SCHWARTZMAN, J. S. *Autismo infantil: clínica, neurobiologia e tratamento*. São Paulo: Memnon, 2015.

SERRA, Dayse. *Autismo, família e inclusão*. 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/article/download/2693/1854/10294>. Acesso em: 10/10/2025.

SILVA, Maria Janaína Apolinário da. O papel do bem-estar subjetivo, do suporte social e da autoeficácia parental no processo de maternidade com crianças autistas. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia, Centro Universitário Christus, Fortaleza, 2023.

STURMER Giulia. CORRÊA, Izabella Decknes. MIRANDA, Rodrigo Lopes. A Saúde mental de familiares de pessoas com TEA: Uma Análise Bibliométrica (2001-2023). 2024. Disponível em: <https://www.pssa.ucdb.br/pssa/article/view/2374/1727>. Acesso em: 12/04/2025.

VOLKMAR, F. R., & McPartland, J. C. From Kanner to DSM-5: autism as an evolving diagnostic concept. *Annual review of clinical psychology*, 10, 193–212.
<https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-032813-153710>, 2014



VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Martins Fontes. 2007.